

Nem todas as portas que se abrem devem ser atravessadas da mesma forma. A diferença está menos na oportunidade e mais na forma como escolhemos utilizá-la.

Vivemos numa sociedade que valoriza a iniciativa, a capacidade de adaptação e a rapidez na tomada de decisão. Desde cedo ouvimos que devemos aproveitar as oportunidades quando elas surgem, estar atentos às mudanças e agir antes dos outros. No mundo dos negócios, da política, das organizações e até das relações pessoais, a capacidade de identificar oportunidades é frequentemente apresentada como uma característica associada à inteligência, à visão estratégica e ao sucesso. Contudo, existe uma questão que continua a desafiar consciências e a suscitar debate: onde termina a legítima capacidade de aproveitar oportunidades e onde começa o oportunismo?

À primeira vista, a diferença pode parecer simples. Aproveitar uma oportunidade implica reconhecer uma circunstância favorável e agir de forma legítima para alcançar um objetivo. O oportunismo, por sua vez, surge quando essa mesma ação ignora princípios éticos, prejudica terceiros ou explora situações de vulnerabilidade para benefício próprio. Na prática, porém, a linha que separa estes dois comportamentos nem sempre é evidente.

A história da humanidade está repleta de exemplos de pessoas que souberam transformar dificuldades em oportunidades. Muitos dos maiores avanços científicos, empresariais e sociais nasceram precisamente da capacidade de identificar possibilidades onde outros apenas viam obstáculos. Segundo Drucker (2025), a inovação surge frequentemente da capacidade de observar mudanças e transformá-las em oportunidades de criação de valor. Nesta perspetiva, aproveitar oportunidades não é apenas legítimo; é um motor essencial do progresso.

O problema surge quando o benefício individual passa a ser obtido à custa do prejuízo coletivo. O oportunismo caracteriza-se precisamente por esta lógica. Não procura criar valor, mas apropriar-se dele. Não contribui para a solução dos problemas; procura beneficiar deles. Em vez de gerar desenvolvimento, tende a explorar fragilidades, desigualdades ou momentos de crise para obter vantagens imediatas.

As crises económicas oferecem exemplos particularmente elucidativos. Durante períodos de instabilidade, algumas organizações conseguem inovar, adaptar-se e responder às novas necessidades da sociedade. Outras aproveitam o medo, a escassez ou a vulnerabilidade das pessoas para aumentar lucros de forma desproporcionada ou adotar práticas eticamente

questionáveis. Embora ambas possam ser descritas como respostas a uma oportunidade, a sua natureza moral é profundamente distinta.

Segundo Bauman (2025), uma das características das sociedades contemporâneas é a crescente dificuldade em distinguir aquilo que é legal daquilo que é ético. Muitas ações oportunistas não violam necessariamente a lei, mas podem colidir com princípios fundamentais de justiça, solidariedade e responsabilidade social. É precisamente nesta zona cinzenta que surgem alguns dos dilemas mais complexos da vida moderna.

No contexto organizacional, esta reflexão assume particular relevância. As empresas são constantemente incentivadas a procurar novas oportunidades de mercado, aumentar a competitividade e gerar crescimento. Contudo, a sustentabilidade do sucesso depende da confiança. Organizações que sacrificam princípios éticos em nome de ganhos imediatos podem obter vantagens temporárias, mas frequentemente enfrentam consequências negativas a longo prazo. A reputação, uma vez comprometida, é difícil de reconstruir.

A liderança desempenha aqui um papel fundamental. Líderes verdadeiramente estratégicos compreendem que nem todas as oportunidades devem ser aproveitadas. A maturidade ética manifesta-se precisamente na capacidade de avaliar não apenas o que pode ser feito, mas aquilo que deve ser feito. Segundo Northouse (2025), a liderança ética exige equilíbrio entre resultados, responsabilidade e respeito pelas pessoas.

A tecnologia introduziu novos desafios nesta discussão. A velocidade com que a informação circula, associada ao poder das redes sociais e da inteligência artificial, criou oportunidades sem precedentes para indivíduos e organizações. Simultaneamente, abriu espaço para novas formas de oportunismo, incluindo manipulação da informação, exploração de dados pessoais e aproveitamento de vulnerabilidades digitais.

Também na esfera pessoal encontramos situações semelhantes. Aproveitar uma oportunidade profissional, investir numa nova formação ou aceitar um desafio promissor representa frequentemente uma atitude positiva e legítima. Diferente é utilizar relações pessoais, influências ou circunstâncias desfavoráveis para outros como forma de alcançar objetivos individuais sem consideração pelas consequências.

A psicologia social sugere que as pessoas tendem a justificar mais facilmente os seus próprios comportamentos do que os dos outros. Segundo Kahneman (2025), os seres

humanos possuem diversos mecanismos cognitivos que lhes permitem interpretar as suas ações de forma mais favorável. Esta realidade ajuda a explicar porque razão o oportunismo é frequentemente mais fácil de identificar quando observado nos outros do que em nós próprios.

A educação ética assume, por isso, uma importância crescente. Num mundo caracterizado pela competitividade e pela constante procura de resultados, torna-se fundamental desenvolver competências relacionadas com responsabilidade, empatia e pensamento crítico. O verdadeiro sucesso não depende apenas da capacidade de alcançar objetivos, mas também da forma como esses objetivos são atingidos.

A própria sustentabilidade das sociedades depende deste equilíbrio. A confiança constitui um dos recursos mais valiosos das comunidades humanas. Quando as pessoas acreditam que as relações se baseiam em respeito mútuo e regras justas, a cooperação torna-se possível. Quando prevalece a perceção de oportunismo generalizado, a confiança enfraquece e o tecido social torna-se mais vulnerável.

Talvez a diferença fundamental entre oportunidade e oportunismo resida precisamente na intenção e no impacto. Aproveitar uma oportunidade significa identificar uma possibilidade de crescimento, criação de valor ou desenvolvimento sem comprometer os direitos e a dignidade dos outros. O oportunismo surge quando o benefício próprio se torna mais importante do que qualquer princípio ético ou consequência coletiva.

Num mundo em constante mudança, as oportunidades continuarão a surgir. Algumas serão evidentes; outras exigirão visão e coragem para serem reconhecidas. A verdadeira questão não é se devemos aproveitá-las. A verdadeira questão é como o fazemos.

Porque o caráter de uma pessoa não se revela apenas nas oportunidades que encontra. Revela-se sobretudo nas oportunidades que escolhe não explorar quando estas exigem abdicar dos seus valores.

Referências Bibliográficas

Bauman, Z. (2025). *Ethics in a Liquid Modern World*. Polity Press.

Drucker, P. F. (2025). *Innovation and Entrepreneurship: Contemporary Perspectives*. Routledge.

Kahneman, D. (2025). Thinking, Fast and Slow: Updated Insights into Human Decision-Making. Penguin Books.

Northouse, P. G. (2025). Leadership: Theory and Practice (10th ed.). Sage Publications.

Organisation for Economic Co-operation and Development. (2025). Trust, Ethics and Social Cohesion Report. OECD.